

LUZ E SOMBRAS: INTERNATOS NO BRASIL²⁸

Enoch da Silva

A OBRA em questão enfoca a história do sistema salesiano de educação, ou seja, Sistema Preventivo, em três internatos de São Paulo. Explora, primeiramente, o sistema educacional idealizado e executado por Dom Bosco, no Piemonte (Itália), que serviu de modelo para a Congregação Salesiana na Itália e para o mundo com sua obra educativa.

Subdivide-se em três partes segundo um critério cronológico, que vai de 1883 a 1975. Primeiro, o autor procura representar rapidamente o panorama histórico-sócio-econômico em que foi desenvolvida a ação educativa salesiana sob o modelo de internato. A segunda parte dedica-se a construção do sistema educativo salesiano no Piemonte (Itália), por Dom Bosco, que aproveitou a experiência histórica católica e italiana e dela retirou os elementos que lhe pareceram próprios para o seu projeto. A terceira parte é uma investigação da adequação/inadequação do modelo transplantado às condições sócio-econômico-culturais brasileira.

Na primeira parte, o autor confirma que já existia na educação brasileira um projeto de educação em regime de internato que se iniciou ainda na Era Colonial, seguindo as orientações traçadas no Concílio de Trento, para atender a um projeto específico de formação para o sacerdócio. Apesar de ser precária uma classificação, foram dois os modelos predominantes de internato: o modelo jesuíta – versão portuguesa – na era colonial e o modelo lazarista, de origem francesa.

Na fase colonial, no Brasil, existiram os colégios jesuítas, os recolhimentos e os seminários. Os mais importantes colégios foram: o Colégio da Bahia; o do Rio, o do Maranhão, o de São Paulo, o do Pará e Recife. Os Estatutos de 23 de janeiro de 1821 distinguem dois tipos de seminaristas: os internos, aos quais era concebido abrir tonsura e aos externos usar “gorro com botão”. Recomendava-se que os seminaristas, para se

²⁸ SANTOS, Manoel Isaiú S. P. Luz e sombras: internatos no Brasil. São Paulo: Ed. Salesianas, 2000.

instruírem e prepararem-se para o estado eclesiástico ou outro qualquer da República Cristã, deveriam começar logo pela edificação de seus costumes, amando a Deus acima de tudo e revelando, por ele, as faltas alheias.

No crepúsculo da Era Colonial, surgiu o Colégio Caraça (MG), fundado por dois padres da Congregação da Missão, de origem francesa, em 15 de abril de 1820, que se tornou famoso pelo rigorismo e por servir de modelo para a reforma do Seminário São Joaquim, que se transformou no Colégio Pedro II e colégio padrão do país até 1971.

Determinava-se, entre outras práticas, os momentos de silêncio fora da recreação; que os estudantes fossem modestos e asseados e nada lhes faltasse; que se conhecessem o temperamento e a índole de cada um para tratar a todos com prudência; as faltas maiores eram punidas com a privação do recreio e a separação dos colegas. Os professores deviam ser claros em suas explicações, e observar a modéstia e a gravidade dos alunos nas aulas; que os alunos fossem advertidos para que não pensassem que vieram só para aprender os estudos e as ciências, mas também as virtudes e deviam aceitar os sofrimentos, pois não estavam em casa dos pais. No regulamento, havia admoestação de que os alunos evitassem os extremos, ou seja, as amizades e inimizades particulares, as brincadeiras de mão (jogos de mão), guardassem o silêncio, não perturbassem os colegas; não perdessem o tempo e cuidassem dos livros, fossem "muito políticos" uns com os outros e ao menos uma vez na semana 'lavassem' o corpo. O dia começava às 5h e terminava às 22h. Havia sessão de estudos de manhã e à tarde. Missa às 7h. Nos recreios, permitiam-se jogos que exercitassem as forças do corpo. O almoço era após a Missa, às 11h, durante o qual se lia a história ou a vida de homens ilustres. Após as 17h, encerravam-se as aulas, seguidas de merenda. Às 17h30, havia música, cantochão e cerimônias sagradas. Antes da ceia, récita do terço de Nossa Senhora, seguida de recreação, récita de ladainhas de Nossa Senhora e recolhimento para seus aposentos. As quintas-feiras eram feriados.

O sistema didático adotado era o ensino repetitivo, segundo o modelo de Português de Othoniel Motta. Os professores "apertavam os alunos", combatendo o "mais ou menos", procurando estimular os mais estudiosos e não perdoando os vadios. A "cola" e a nota "zero" eram punidas com rigor e era eliminado o aluno que repetisse a façanha.

Todo mês e no fim do semestre, fazia-se publicamente, com solenidade, a leitura de notas. O aluno, em pé, de batina preta, ouvia, de braços cruzados, sua nota. Quem obtinha 9 ou 10 era aplaudido por todos e elogiado pelo Superior com comentário oportuno e advertido ou repreendido quando recebia notas baixas. Este era punido com uma hora extra de estudo nos dias feriados. Repetir era um privilégio de aluno bem comportado e que denotava esperança de recuperação.

Os alunos internos tinham oito horas de trabalho diário, duas aulas pela manhã e outras tantas à tarde, cada uma precedida de uma hora de estudo. Os horários de recreio eram de jogos, encerrados com o som do sino. Olhar para trás ou para o "disciplinário" era falta considerada digna de punição, pelo menos estudando de pé. Semanalmente, eram os alunos sabatinados com uma prova escrita, ou prova de revisão (o concurso), cujo resultado era lido às segundas-feiras, após o almoço, uma espécie de pequeno juízo final, que assustava uns e fazia sorrir a outros.

A segunda parte da obra trata da Itália, a qual estava dividida em grande número de pequenos estados independentes. Era a época do Ressurgimento italiano, pelos meados do século XIX, em que fermentavam idéias e projetos de intensa renovação civil e política do povo, através da criação de escolas, inclusive filantrópicas, da publicação de livros, jornais e revistas em que se discutiam os problemas e métodos educativos, especialmente no Piemonte. Dom Bosco compreendeu logo a necessidade de agir imediatamente, através da construção de um projeto concreto, afinado com a tradição católica que garantisse a ordem, a sanidade moral e a paz religiosa. Propunha, através da instrução profissional das crianças e dos jovens, sem excluir o ensino secundário, resgatar a dignidade do trabalho e da cultura.

Para Dom Bosco, a formação dos jovens consiste na doçura em tudo e na capela, sempre aberta com toda facilidade de se freqüentar a confissão e a comunhão. Dom Bosco entendia a disciplina como um modo de viver conforme às regras e aos costumes de uma instituição, portanto superava a posição hierárquica de "superior" e "inferior". A confiança e o coração são, assim, as duas alavancas sobre as quais o educador pode apoiar-se para o mecanismo da correção dos faltosos. A correção deve aparecer em todos os momentos da obra educativa, através de uma palavrinha ao ouvido, de avisos particulares e públicos, de bilhetinhos, etc.

Dom Bosco dizia que os professores mais intransigentes com os alunos são os menos severos consigo mesmos. Para saber mandar é preciso, primeiro, saber obedecer e procurar mais pelo amor do que pelo temor. Admite a dificuldade de manter a calma ao castigar, mas julga necessário afastar qualquer indício de paixão ou demonstração de prepotência no mandar. Os únicos castigos a serem usados eram o olhar descontente, severo e triste do superior ao culpado, a correção privada e paterna; em vez de recriminações, a privação do recreio, deixar de interrogar o aluno por um dia. A fórmula internato liga-se à inspiração básica da obra de Dom Bosco, que é a preventiva, entendida especialmente no sentido negativo-protetor (que implica o essencial aspecto positivo construtivo).

Dom Bosco não patrocina uma pedagogia da liberdade, no sentido de pedagogia da prova e da tentação, mas da preservação e da imunização que passou a ser condição ideal para uma construção educativa normal. Queria ter campo aberto e liberdade de movimento no setor educacional, sem ser prisioneiro de sistemas educativos herméticos e rígidos. Dom Bosco pretendia que, em suas escolas, se formasse o bom cristão e o homem cidadão. Um e outro objetivo não estavam separados: as duas cidades, ou seja, a cidade de Deus e a cidade dos homens, deveriam marchar unidas; além de não conceber o exercício da cidadania separado dos deveres de um bom cristão: o honesto cidadão devia ser um bom cristão e vice-versa.

Para Dom Bosco, a vida é uma missão, um dever, um talento a negociar, um compromisso e portanto deve ser planejada, ordenada e regulada pelas normas objetivas e verdadeiras, segundo o plano de Deus. Por isso, indicou aos jovens um "programa de vida" completo, objetivo e a educação ao sentido do dever.

Na pedagogia de Dom Bosco, ocupa lugar importante a mortificação, que, para ele, significava diligência no cumprimento dos deveres no estudo, atenção da escola, obediência aos pais e Superiores, paciência em suportar os incômodos da vida (frio,

fome sede, etc.) por amor a Deus. Havia regulamento, mas o tom paterno e exortativo das próprias normas, sua praticidade e racionalidade afastam toda idéia de coerção ou império. Esse amoroso código seria observado não por sanção, mas por consciência e o texto dessa lei era a fórmula dos avisos do quotidiano, que se davam a viva voz em forma de conselhos e exortações pelo bom “Pai”.

À luz dessa concepção de internato (robusta unidade educativa, protetora e construtiva) é que se compreende bem o posicionamento severo e quase intransigente de Dom Bosco em relação às férias. Dom Bosco aboliu (1868) as férias de Páscoa e procurou abreviar as de outono, intercalando um mês de retorno e de aula, mas nunca pensou em aboli-las de todo para a massa dos alunos. Desde o início da criação deste ambiente educativo é que surgiram “as companhias”, ou associações juvenis, como unidades menores associadas e unidas pela amizade, pelo entendimento no bem e nos ideais; cada uma delas operava na linha de seguimento do próprio Protetor, da devoção dirigida a obter uma especial proteção, sendo que incluía elementos formativos (prática sacramental e de oração, cumprimento do dever, acentuando-se a caridade recíproca, a educação para a solidariedade e sociabilidade cristãs, o bom exemplo e o exercício do apostolado) e elementos organizativos (livre participação e atividades).

A terceira parte da obra trata da concentração e a caracterização do sistema educativo salesiano no Brasil, bem como o projeto educativo de escola em regime de internato trazido da Itália para o Brasil, no século XIX. Elementos importantes no Sistema Preventivo (tornam avisado o aluno de modo que o educador sempre possa falar com a linguagem do coração na fase educativa) de Dom Bosco, além da construção de um ambiente sadio e do protagonismo juvenil, são os grandes espaços: os internatos não podiam ter aparência de ambientes fechados como se fossem casas correcionais, inaceitáveis para os jovens, pois os envergonhavam. As casas salesianas deveriam ser construídas para elevar os jovens, jamais para rebaixá-los, e respeitar-lhes a liberdade de sair e entrar.

Nos prospectos, recomendados pelo regulamento dos Salesianos, são sempre exaltadas as qualidades geográficas da localidade em que está localizada a escola. Os Salesianos no Brasil receberam ou adquiriram grandes espaços, com terrenos extensos, quase sempre superiores a um hectare e meio, e na introdução dos prospectos, fazia-se o *marketing* da instituição descrevendo-se os aspectos físicos relevantes, sempre otimistas, de clima, da geografia e das instalações dos edifícios, embora correspondências individuais expressassem queixas contra os mosquitos e o calor (como a dos Salesianos do Colégio de Niterói).

Um colégio bonito, imponente por si, favorece a elevação do ânimo do jovem. Em se tratando de internato, pode até facilitar a sua regeneração, caso seus pais tivessem intenção de considerá-lo “casa correcional”. Além do espaço físico atraente, o jovem deveria encontrar um ambiente de relacionamento familiar, fácil e aberto com seus superiores, longe de todo formalismo ou convencionalismo. Para Dom Bosco, os grandes locais, além de abrigar a todos, facilitam a estarem juntos. Se por vezes aceitou o pequeno, foi por necessidade. Os lugares pequenos exigem mais assistentes para todos com aumento de despesas e menor rendimento. Um assistente pode tomar conta de duzentos jovens, mas exige a colaboração dos demais superiores, pátios grandes,

pórticos grandes, tudo grande. Dom Bosco já havia planejado o desaparecimento das pequenas salas, do prédio de Valdocco.

Os Salesianos sempre consideraram importantes os grandes espaços para o desenvolvimento das atividades de educação física e desportiva, e para um convívio mais aberto. Esse comportamento não existia na família patriarcal. Perante esta, os meninos deviam falar baixo, sair quando os grandes estivessem conversando e brincar sem fazer barulho, em suma, guardar distância como um ser inferior, subordinado. Não era fácil adequar as pessoas necessárias às exigências educativas e religiosas que deveriam compor o quadro dirigente das novas fundações, em regiões tão diferentes. A condição necessária para a execução do Projeto Educativo Salesiano ou do Sistema Preventivo é a qualidade do pessoal. Por isso, no regulamento, logo depois do documento oficial sobre o sistema Preventivo, seguia o quadro de pessoal com a indicação de suas funções. A espiritualidade salesiana está toda ela enquadrada pela preventividade. Era condição essencial e primeira para o êxito de todo o trabalho educativo.

Os Salesianos eram instruídos e formados no Sistema Preventivo desde as fases iniciais de sua carreira seminarística, especialmente durante o noviciado, primeiro em Lãs Piedras (Uruguai), depois em Lorena (Brasil: Colégio São Joaquim). Efetivamente, no dia 14 de julho de 1883, chegavam a Niterói, os primeiros sete Salesianos para fundar a primeira casa (colégio): Pe. Miguel Borghino; Pe. Carlos Peretto; Miguel Foligno (Seminarista); Bernardino Monti (Seminarista); Irmão Domingos Delpiano (Arquiteto); Irmão José Daneri (Cozinheiro e Chacareiro) e Irmão João Batista Cornélio (Serviços Gerais).